

O TIRO CIVIL

Órgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 7 de maio de 1896

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réi
Provincias, séries de 24 numeros.....	600 "
Numero avulso.....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros.....	1,5000 "

RESUMO

Concurso internacional de tiro: Lisboa, 1897.—A fortificação improvisada e o tiro moderno, por Miguel Garcia.—Carreira de tiro.—Club dos Caçadores do Porto, por Baptista de Sá.—A caça das codornizes no Ribatejo, por Heitor Olivares.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—O defeso.—Até da mão os passaros voam.—Otelação sobre o tiro: Regulamento provisório da Carreira de tiro da Escola do Exército.—O elephante.

CONCURSO INTERNACIONAL DE TIRO

LISBOA — 1897

No dia 1 do corrente, ás 8 1/2 horas da noite, reuniu na sala da India da Sociedade de Geographia de Lisboa a comissão executiva do concurso internacional de tiro, que deve realisar-se por occasião da celebração do centenario da India.

O sr. conselheiro Ferreira do Amaral, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, e presidente da comissão central executiva, acompanhado pelos dois secretarios, os srs. conselheiro Luciano Cordeiro e Ernesto de Vasconcellos, installaram a comissão e mnome da Sociedade de Geographia e da comissão executiva do centenario.

O sr. conselheiro Ferreira do Amaral em breves palavras mostrou as vantagens da generalisação entre nós do tiro nacional, uma das maiores forças das nações modernas e disse, que esperava dos representantes que via presentes todos os esforços necessarios para que o certamen projectado tivesse todo o brilho e todo o esplendor.

Em seguida installou-se a comissão propondo o sr. Palermo de Faria, que attendendo á posição hierarchica do sr. tenente coronel Souza Machado e ainda ás suas qualidades de atirador e de official valente e distincto, como havia mostrado na campanha sul africana, fosse nomeado por aclamação, presidente da comissão, o que foi approved por unanimidade.

Não estando presente o sr. tenente coronel Souza Machado, propoz ainda o sr. Palermo de Faria, que se deixasse á escolha do presidente a nomeação dos secretarios e que presidisse áquella primeira reunião o sr. capitão Vergueiro, director da carreira de tiro da guarnição de Lisboa, o que foi acceto.

N'esta primeira reunião trocaram-se apenas idéas, devendo na segunda ser nomeadas as sub-commissões para elaborarem as diversas partes do programma e tratarem da organização do concurso.

Estiveram presentes:

Por parte da *Secção militar da Sociedade de Geographia* o sr. capitão Vergueiro, faltando os srs.: tenente coronel Souza Machado e major Fernandes Costa, que não poderam comparecer por motivo de serviço publico;

Pela *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, os srs.: Raul Mesnier de Ponsard, João Consiglieri Pedroso e Manuel José de Magalhães;

Pela *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, os srs.: Eduardo Noronha e João José Diniz, faltando o sr. dr. Cunha Belem, que não compareceu por motivo de serviço publico;

Pelo *Grupo Patria*, os srs.: Alfredo da Fonseca, Joaquim Fernandes Freitas e Nicolau Holbeche Fino;

Pelo *Grupo de Atiradores Civis Lisbonense*, os srs.: José Victorino de Andrade Neves, Manuel Pagani e Gonçalo Julio Figueira;

Pela *Commissão central executiva do 4.º centenario da India*, o delegado, o sr. Palermo de Faria;

Pela redacção do *Tiro Civil*, o sr. Anselmo de Sousa;

Vae ser convidado a fazer-se representar o *Grupo de Atiradores Civis do Athenaeu Commercial*, tendo o *Grupo Suisso* officiado para declarar que não sendo um grupo legalmente constituido, mas apenas uma reunião de atiradores suíços que se juntavam na carreira de tiro em Pedrouços, não nomeava por esse motivo representantes.

A proxima reunião deve ser na semana que vem e serão já apresentados alguns trabalhos preliminares.

A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 61)

II

A FORTIFICAÇÃO é um dos ramos da arte da guerra e tem por fim reforçar uma posição de modo que a tropa n'ella estabelecida possa resistir vantajosamente a um inimigo mais forte; quer dizer, ella ensina os meios de levantar sobre os pontos do terreno que se pretendem guardar e defender, obstaculos que colloquem uma força armada em estado de resistir com vantagem a forças superiores.

Ha duas sortes de fortificações—*as fortificações naturaes* que consistem nos diversos accidentes do terreno, taes como rios, pantanos, fossos, escarpados, etc., e *fortificações artificiaes*, creadas pelo homem. Estas ultimas se dividem ainda em *fortificações permanentes* e *fortificações passageiras ou de campanha*.

As fortificações permanentes, assim chamadas por serem destinadas a durar sempre, constroem-se, tendo em vista que todas as nações têm pontos ou localidades determinadas, que devem estar em segurança, por isso que é ali que hão de ser sempre atacadas nas guerras provaveis que tenham de sustentar com as

nações visinhas, pela importancia que offerece a occupação dos ditos pontos. Como porém é necessario dispôr do maior numero de forças possivel para attender ás operações da guerra, trata-se de conservar esses pontos com forças relativamente pequenas, as quaes possam ficar em condições de poder resistir com vantagem e durante muito tempo a um numero de aggressores muito mais consideravel, obrigando estes a enfraquecer n'outros logares as suas proprias forças.

«Não é bom esquecer o embaraço causado aos exercitos allemães em 1870-71 pela resistencia tenaz de Belfort durante 103 dias, de Paris, de Toul e de Bitche.»

«Segundo diz Brialmont, as praças de Langres, Belfort, e Besançon immobilisaram durante muito tempo 100:000 allemães.»

Muitos criticos militares pretendem, que toda a aliança entre a fortificação permanente e os exercitos em operação só pode ter maus resultados, contudo o emprego habil que o feld-marchal Ratsky fez em 1848 e o archiduque Alberto d'Austria em 1866 das praças do quadrilatero (Peschiera, Mantua, Verona e Legnago) modificam esta opinião.

«Os auctores allemães admittem que um exercito em campanha, que tenha tomado o contacto com uma praça, tem causas de successos se elle utilizar a fortaleza para obrigar o adversario a dividir-se, afim de o bater em detalhe por uma rapida offensiva, certificando que o principio estabelecido por Frederico II é sempre verdadeiro—a fortaleza deve favorecer actos offensivos rapidos e de curta duração.—»

Ouçamos o que diz o capitão Thivol quando trata da occupação das localidades pelo sitiado, nos arredores de uma praça investida. Diz elle—«A occupação do terreno exterior, impõe-se hoje ao sitiado não só para apoiar seus movimentos offensivos, mas tambem para se oppôr aos progressos do adversario para a praça.

«A zona exterior posta em estado de defeza, pela organização das posições e das aldeias, permitirá ao defensor evitar constantemente, por movimentos offensivos frequentes, a iniciativa do adversario e de tornar muito penosos e mortíferos para este ultimo o estabelecimento da sua linha de contravallação. O contacto dissolvente, sob o ponto de vista da disciplina das tropas e da população civil, será assim supprimido. Os recursos em viveres, forragens, etc., comprehendidos no raio de actividade da defeza exterior, poderão ser vantajosamente explorados e utilizados. As forças dissimuladas serão menos sujeitas aos effeitos do bombardeamento, o que lhe não aconteceria na cinta da praça.»

O que parece, porém, é que as fortificações permanentes não poderão nunca parar o curso regular de uma campanha

resoluta e vigorosamente conduzida, nem supprimir a solução decisiva desejada e procurada pelo aggressor em sua livre iniciativa.

« Dizem os engenheiros allemães — o investimento e o bloqueio devem admitir-se hoje como um resultado possível das guerras do futuro. O exemplo de Metz na guerra franco-allema, e de Plewna na russo-turco, confirmam esta opinião. A theoria do investimento está em caminho de se adoptar e é certo que ella reclamará em larga escala processos identicos aos da defesa, isto é, methodos e meios pedidos á guerra de sitio.

« Deste modo se verá desaparecer esta separação bem distanciada entre a guerra de campo e a de sitio, dois modos de fazer a guerra, que, no fundo não differem nos methodos e nos principios, mas sim no poder e efficacia de seus instrumentos, pelo menos assim o diz o coronel allemão von Scherf.»

As localidades podem e devem gosar de um local importante n'um sitio, quando o defensor applique os principios da defesa activa afastada e saiba empregar as povoações em redor, como postos de apoio de suas tropas sempre promptas a fatigar o inimigo.

Da mesma fórma o sitiante aproveitará as localidades. A linha de bloqueio em torno de Paris tinha 20 leguas de desenvolvimento; para a construir os allemães organisaram defensivamente as localidades de Aulnay-les Bondy, Blan-Mesnil, Dugny, Stains, Pierrefite, Saint Cloud, Sévres, Meudon, Clamart, Châtillon, Bagneul, Hay, Chevilly, Chennevières, Champigny e Villiers, estabelecendo além d'isso grande numero de entrenchamentos.

Por isto se vê o papel importante que a infantaria tem sobre a fortificação improvisada, tão applicada como vemos, mesmo na guerra de sitio.

(Continúa.)

Miguel Garcia.

(Tenente d'infanteria)

CARREIRA DE TIRO

No domingo, 3 do corrente, dispararam-se 900 tiros com a arma de guerra, com os seguintes resultados:

Alvo a 100 ^m ,	80 disparados	59 acertados
» » 200 ^m ,	150 »	64 »
» » 300 ^m ,	500 »	362 »
» » 400 ^m ,	170 »	83 »
Total...	900 »	568 »

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta patriótica associação fizeram 440 tiros pela fórma seguinte:

Alvo a 200 ^m ,	110 disparados	48 acertados
» » 300 ^m ,	250 »	203 »
» » 400 ^m ,	80 »	43 »
Total...	440 »	294 »

Poule

A 300^m, 10 tiros, todo o alvo, ao melhor agrupamento; tiro de pé:

M. Hermann.....	9 acertados
Ivens Ferraz.....	8 »
Gil Portocarrero.....	8 »
João Consiglieri Pedrozo.....	7 »
Corrêa Saraiva.....	6 »

Ganhou o sr. Hermann. Os agrupamentos foram todos dignos de menção, o que muito honra tão distinctos atiradores.

Distingiram-se entre outros os srs. Hermann, Portocarrero, Ferraz, Pereira da Costa, Pedrozo, C. Saraiva, Rogenmozer, Magalhães, Padesca, Corrêa Pinheiro, Fraga Pery, Kesslinger e F. Baganha.

Associação dos Atiradores Civis Estrela

Faltam-nos nota certa dos tiros que os socios d'esta associação fizeram, o que muito sentimos.

Grupo Lisbonense

Não foi á carreira n'esta sessão.

Grupo do Atheneu

Só foram dois atiradores, um dos quaes o sr. Serrão da Veiga, que fez um bom agrupamento de 9 balas em 10 tiros no alvo a 300^m.

**

Mais uma vez sollicitamos da direcção de todas as associações ou grupos, lista dos socios que frequentam a *carreira*, afim de que possamos completar a nossa informação.

**

Foi achado sobre a banneta do alvo n.º 3, uma pedra, *rubin*, ou cousa parecida. Aviso a quem a perdeu.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

DESDE a abertura da *Escola de tiro* d'este club, em 19 d'abril passado, até hoje, 3 de maio, realizaram-se alli quatro torneios de tiro a chumbo e quatro de tiro á bala. Dos dois primeiros já o *Tiro Civil* deu noticia, cabendo sómente dizer agora que, segundo a opinião dos srs. capitão Vergueiro, Anselmo de Sousa e Palermo de Faria, que préviamente foram consultados sobre a fórma de se fazer a contagem dos pontos attingidos pelos tiros dos srs. Alberto Andresen e Alfredo Vianna, foi pelo respectivo jury resolvido que se considerassem empatados estes dois atiradores.

Procedendo ao desempate, em 10 tiros cada um, nos mesmos alvos e á mesma distancia, fez o primeiro 33 pontos e o segundo 34, pelo que foi conferido o premio ao sr. Alfredo Vianna.

Pela difficuldade em effectuar no mesmo dia os torneios de tiro de chumbo e bala, passaram aquelles a realizar-se sómente aos domingos de manhã, e estes ás quintas de tarde.

No torneio de 26 d'abril, em 1 pombo, 3 passaros, 4 esferas de vidro e 4 de caoutchouc, houve o seguinte resultado:

Heitor Antunes.....	10 tiros bons
Honorio Johnston.....	4 » »
Dr. P. Ferreira.....	11 » »
Dr. Elyσιο de Castro.....	7 » »
A. Seara.....	8 » »
A. Guimarães.....	3 » »
A. Silva.....	10 » »
Paiva Freixo.....	9 » »
Arnaldo Moraes.....	9 » »
J. Garcia.....	5 » »
D. J. Ribeiro.....	6 » »
A. Peixoto.....	7 » »
Santos Pinto.....	11 » »
Baptista de Sá.....	10 » »
Carlos Albuquerque.....	7 » »
Almeida Lemos.....	9 » »

Os srs. dr. Pedro Ferreira e Santos Pinto dividiram o resultado d'uma *poule* feita entre todos os atiradores.

No mesmo dia, em 4 tiros de clavina, a 120 metros, em alvos de 80 c. q. com valores de 1 até 10:

A. Silva.....	18 pontos
A. Azevedo.....	8 »
H. Antunes.....	14 »
A. Paiva.....	13 »

Em 5 tiros de revolver, nos mesmos alvos, a 30 metros:

Major Carvalho.....	20 pontos
Baptista de Sá.....	39 »

Nos torneios de 1 de maio, de tiros de clavina e de revolver, em eguaes al-

vos e a eguaes distancias, foi obtido o resultado que vae vêr-se:

Em 5 tiros de clavina:

João Andresen.....	23 pontos
Heitor Antunes.....	20 »
Alberto Andresen.....	19 »
O. Braga.....	19 »
Victor Peixoto.....	12 »
Belmiro Teixeira.....	12 »
A. Peixoto.....	11 »
A. Paiva.....	9 »
A. Santos.....	8 »
A. Vianna.....	7 »
A. Andrade.....	6 »
Major Carvalho.....	5 »
Figueiredo.....	2 »

Em 5 tiros de revolver:

Baptista de Sá.....	28 »
Candido Albuquerque.....	24 »
A. Andrade.....	16 »
Major Carvalho.....	5 »
A. Laurr.....	1 »
Victor Peixoto.....	1 »

A pedido da direcção do *Club*, por meio d'annuncios nos jornaes, têm-se constituído em muitas freguezias ruraes do districto do Porto, commissões de vigilancia do *defeso* da caça, com o fim d'evitar que continuem as transgressões das respectivas leis e regulamentos. Bom seria que o exemplo fosse tomado pelo paiz inteiro, por ser esta uma medida que se nos afigura de muito satisfatorios resultados. Com o auxilio d'estas commissões e o das auctoridades competentes, que este anno, ao que parece, se mostram mais dispostas a fazerem respeitar a lei, o *defeso*, se não fôr fielmente observado, deve, certamente, merecer aos que o tem em pouco apreço, mais um bocadinho d'importancia.

Oxalá que o contrario não succeda.

Porto, 3 de maio de 1896.

Baptista de Sá.

A CAÇA DAS CODORNIZES NO RIBATEJO

COM este titulo publica o *Correio da Extremadura*, no numero de 2 de maio, a seguinte carta:

Sr. Redactor. — No ultimo numero do seu lido semanario, li uma local referente á caça das codornizes. Diz v. ex.^a que por proposta do vereador sr. Perdigoão, foi deliberado modificar a postura camaraaria, permitindo a apanha das codornizes durante o tempo do *defeso*. Como amator, e tendo seguido com prazer as alterações que as leis da arte venatoria têm soffrido em diversos paizes, não pude ficar indifferente diante do crasso erro que se acaba de commetter. Parece-me que o illustre vereador, desejando proteger as aves da sua especie distraindo as atencões dos caçadores, o não deveria fazer com prejuizo das innocentes codornizes, dos proprietarios e dos caçadores.

A retrograda proposta do illustre vereador leva-me a crêr que ignora por completo as leis que regem o direito da caça nos outros paizes da Europa e quaes as relações d'essas leis com as differentes especies de caça.

Segundo a antiga lei franceza, a caça da-codorniz era livre por ser ave de arribação, e Portugal copiando d'esta a sua lei, estabeleceu o mesmo principio. Mas em França reconheceu-se que esta lei era pelo seus efeitos desastrosa e modificado se. Dividido o paiz em zonas;

numa d'ellas (norte) em que as codornizes não criam, ficou sujeita ao antigo regimen, na outra (sul) em que as criações são abundantes, tornou-se absolutamente defesa a caça das codornizes como para as aves oriundas da região.

Em Portugal fez-se a lei e nunca se cumpriu; cada concelho legisla *ad libitum* resultando d'aqui as mais disparatadas consequências. Ora Portugal está em condições mais favoráveis do que o sul da França e sobretudo a região ribatejana em que as codornizes criam duas vezes por anno, e é justamente em Santarem, centro d'esta região, que se permite a apanha das codornizes na entrada, isto é, antes de criarem!!...

Um simples calculo mostrará a evidencia o erro de tal deliberação camararia.

Suppunhamos que num kilometro quadrado entram na occasião da arribação 20 codornizes, ou sejam dez casaes. A postura da codorniz varia entre 10 e 18 ovos, e tomemos para base dos nossos calculos o numero menor, 10. Os dez casaes, habitando um kilometro quadrado, terão no fim de maio produzido cem codornizes, que com os primitivos perfazem 120 ou 60 casaes aptos a fazerem segunda criação em fins de maio e junho. Equivale a um total de 720 codornizes por kilometro quadrado, ou 72.000 aves em 100 kilometros de região ribatejana.

Ora, diga-me, sr. vereador, acha preferivel 2.000 codornizes em abril a 72.000 em 15 d'agosto?...

O resultado principal da medida de prohibição seria a abundancia da caça nas terras circumvisinhas a esta região que, como v. ex.^a deve saber, é um dos seus principaes alimentos.

Os proprietarios não teriam que se queixar dos estragos causados nas ceareas, porque em agosto está todo o pão recolhido e em abril permite v. ex.^a que lhe pisem e estraguem as sementearas ainda verdes.

E depois sr. vereador, qual é o caçador que indo ás codornizes poupa uma lebre prene que lhe salte ao lado, uma perdiz com ninho que võe a tiro, ou uma coelha brincando entre a balsa?... Se alguns ha conscienciosos, esses poucos são, infelizmente. Sendo defeza a codorniz já não ha pretexto para andar nos campos de espingarda e mais facilmente se evitam os abusos.

Os meus calculos, illustre vereador, não são hypotheticos, têm a confirmal os os grandiosos resultados obtidos em França e aqui mesmo, n'um ou n'outro ponto, onde proprietarios cuidadosos reservam algum espaço em rigorosa defeza.

Mas infelizmente isto mesmo a nossa lei não permite senão debaixo de condições verdadeiramente prohibitivas.

Em França o proprietario arrenda as suas terras a Pedro para as cultivar e a Paulo para a exploração da caça, e tão bem organisadas estão as cousas que Pedro nem Paulo poderão incommodar-se.

Se, pois, em todas as deliberações camararias se procede com tanto acerto, economia e interesse, não posso felicitar os meus conterraneos pela escolha que fizeram. Reconsiderem que ainda é tempo e não queiram dar ao mundo civilizado uma prova da mais supina ignorancia, em prejuizo dos seus municipios, sem vantagem para ninguem. Seja rigorosamente defeza toda a especie de caça, desde o dia 1 de março até 15 d'agosto, que esta será de futuro a lei uniforme de todo o paiz.

Mas rigorosamente defesa, sr. vereador, que não sejam os guardas campestres ruraes, com compadres e amigos, os primeiros a instigar a falta de cumprimento da lei.

Heitor Olavrac.

Associação dos Atradores Civis Portuguezes

A direcção d'esta associação pede para que toda a correspondencia lhe seja enviada para a sua nova séde na travessa da Espera, n.º 8, 1.º andar, esquina da rua de S. Roque.

O DEFESO

CONTINUA com desusada energia a propaganda em favor do *defeso*, por isso temos uma noticia que faz honra á camara municipal d'Evora e ás auctoridades d'aquelle districto, em que a iniciativa dos caçadores veiu mais uma vez provar, que mais faz quem quer do que quem póde. A noticia é que, o unico estabelecimento que n'aquella cidade e arredores vende polvora, vendeu este anno, no mez de abril, 37.620 réis de polvora de caça, e em abril de 1895 vendeu réis 240.000!

Por aqui se avalia qual o resultado das providencias tomadas, menos 202.380 réis de polvora n'um mez; se a diminuição das armadilhas corresponder ao resultado do emprego da polvora é magnifico.

Do nosso collega *O Seculo*:

Evora, 6, ás 7 t. — Os policas 55 e 72 apprehenderam hoje 3 perdizes a João Antunes, do Monte do Carregal, sendo o transgressor autuado. A sociedade dos caçadores amadores mandou pagar o premio de 3.000 réis aos apprehensores. Louvamos o digno chefe Patrão pela sua energia, dando conhecimento tambem ao poder judicial d'este abuso. Bom exemplo.

Do nosso collega *Correio de Cintra*:

«Ao que nos consta, os meliantes que se empregam no vil mister de caçadores furtivos, continuam a passar por cima da lei que regula o *defeso* da caça.

As taes raposas bipedes teem vagueado ainda estes ultimos dias pelos Penedos da serra dando cabo da criação.

Pratica um acto meritorio quem lhes andar no encafo e os entregue á auctoridade.

E não ha maneira de convencer estes patifes!»

Para estes figurões contamos com a boa vontade do sr. administrador de Cintra, que esperamos os metterá na ordem.

Do nosso collega *Algarve e Alemtejo*, de Faro:

«E' esta a época do *defeso* da caça, conforme geralmente se sabe, por ser a das creações, cuja destruição se tornaria a consequencia da infracção d'aquella utilissima medida acautelada pelos regulamentos administrativos.

Pois essa infracção consta-nos que se commette n'algumas localidades, nomeadamente em Alcoutim, onde desassombadamente andam pelas ruas os caçadores, ou seus encarregados, vendendo perdizes, perdigões, coelhos, etc., sem que sejam devidamente corrigidos.

Bem sabemos que n'uma localidade onde a policia escassa, não póde vigiar-se todas as contravenções d'esta e identica natureza. Contudo é util que a indifferença das auctoridades respectivas não chegue a deixar passar tão infrenemente o abuso.

Em geral, esperamos que todas ellas, competentemente advertidas pelo digno e solícito chefe superior do districto, attendam a este assumpto, que não é, em verdade, dos que possam ou devam postergar-se.»

Esperamos que o sr. governador civil de Faro, dê terminantes ordens aos seus subordinados para que o peso da lei carregue sobre aquelles vandalas. Uns dias de cadeia e multas talvez os faça mudar de vida.

ATÉ DA MÃO OS PASSAROS VOAM

É VELHO e rélho o ditado: *mais vale um passaro na mão do que dois a voar*; todos o conhecem, todos estão convencidos de que não ha nada mais certo.

Um caso d'esta semana, veiu porém demonstrar que ainda mesmo da mão os passaros fogem.

Um amigo nosso, feriu no ultimo domingo, com uma bella chumbada um casal de patos; cahiram, o pato á quem de uma valla e a pata além. O cão recusou-se a ir buscar o ferido por não querer atravessar a valla e o caçador tira as botas, arregaça as calças e vae buscar a pata. Quando voltava, receiando molhar o fato, largou-a sobre a herva para se arregaçar um pouco mais.

Era o momento psychologico! A pata ferida d'aza deixou-se escorregar para a agua, e com dois *quás quás* muito significativos, como que um adeus de despedida ao que já ante-gostava o bello arroz com que projectava comel-a, mergulhou e... *volaverunt galhetas*...

Ha scenas que não se descrevem; esta é uma d'ellas e limitamos-nos a *sentir profundamente* tamanha desventura.

Pés molhados e feridos nos cardos, a gargalhada dos companheiros e uma pata pela agua abaixo... é muito para um só dia!

LEGISLAÇÃO SOBRE O TIRO

REGULAMENTO PROVISORIO

DA

CARREIRA DE TIRO

DA

ESCOLA DO EXERCITO

Approved pelo conselho de instrução da mesma escola

CAPITULO I

Organisação e fins da Carreira

(Continuado do n.º 61)

Art. 4.º — Para completa regularidade do serviço observar-se-ha o seguinte:

1.º O lente da 2.ª cadeia, fixados pela commissão administrativa os artigos de material commum, providenciará para que a instrução geral do tiro nunca falte o material, que ficará sob a sua immediata responsabilidade.

2.º Ficará sob a responsabilidade exclusiva do lente da 6.ª cadeia o material destinado aos trabalhos do grupo b) do artigo 2.º, especificadamente os appparelhos chronographicos e accessorios, os instrumentos de precisão, as communicações electricas e os appparelhos de medida das pressões dos gazes da polvora no momento do tiro.

3.º Na formação da carga do material da carreira, attender-se-ha a que a estação chronographica é uma dependencia immediata da 6.ª cadeia, abrindo-se, por tal motivo, para ella um inventario analogo ao que se regulamentar para os gabinetes das outras cadeiras.

4.º Haverá um fiel do material, cabo ou soldado de qualquer arma, sabendo lêr e escrever, o qual servirá de guarda, conservador da carreira e marcador, e executará os pequenos serviços indispensaveis, sob as ordens immediatas dos lentes das cadeiras 2.ª e 6.ª

Art. 5.º — As precedencias de serviço na carreira serão reguladas pela forma seguinte:

1.º Nos serviços approvados em conselho repositar-se-ha a ordem dos respectivos programmas ou propostas.

2.º Concorrendo lentes de diversas cadeiras, em serviços não officiaes, preferirá o mais graduado.

Art. 6.º — As experiencias ou estudos especiaes a qualquer cadeira serão feitos pela verba relativa a essa cadeira. Aos lentes da 2.ª e 6.ª cadeiras, ou á comissão administrativa, conforme os casos, serão tão somente requisitados os artigos de material eapparehos de que a carreira dispor, entendendo-se que o material necessario a estudos estranhos ás cadeiras 2.ª e 6.ª nunca poderá ser adquirido á custa das verbas d'estas cadeiras.

Art. 7.º — Quando cessarem as circumstancias do § unico do artigo 1.º, considerar-se-ha dissolvida a comissão administrativa e de segurança, pertencendo a cada lente, na carreira de tiro que lhe fór propria, as attribuições por este regulamento conferidas á dita comissão. O material commum será distribuido pelos gabinetes da 2.ª e 6.ª cadeiras e pelas respectivas carreiras segundo as determinações do conselho de instrução.

Art. 8.º — Nenhuma experiencia de tiro poderá ser feita, seja qual fór o pretexto, em desacordo com as prescripções geraes d'este regulamento quanto á segurança e policia da carreira.

Art. 9.º — A comissão de segurança da carreira de tiro incumbe submitter á approvação do conselho de instrução as alterações e modificações que a pratica mostrar indispensavel ou conveniente fazer ás prescripções d'este regulamento, quer sob o ponto de vista da segurança quer do desenvolvimento dos trabalhos a executar na carreira de tiro.

(Continúa.)

O ELEPHANTE

(Continuado do n.º 61)

Alí prendem o animal com travessas lançadas entre as pernas, que afinal são atadas com cordas. Prendem-lhes as pernas com laçadas corredias.

Cada prisioneiro é entregue a guardas que, com paciencia e tempo, acariciando-os, ameaçando-os, privando-os de alimento, ou excitando-lhe a guloseima, vão conseguindo gradualmente approximar-se sem perigo. São precisos scis mezes para que o animal permita ao seu *cornaca* montal-o.

Comtudo o amor da liberdade é tão grande n'estes colossos, que muitas vezes aproveitam a occasião para fugirem e voltar á vida selvagem.

Os elephantes domesticados servem para ensinar os outros e habitual-os ao homem. Prova singular de intelligencia ou de philosophia para animaes que conservam sempre vivo amor pela liberdade perdida.

Quanto aos elephantes que vivem isolados nas florestas, os indios apanham-nos de diversos modos. Por exemplo, atiram uma laçada corredia a um dos pés trazeiros do elephante de que poderam approximar-se sem despertar desconfiança, depois passam a outra extremidade da corda ao tronco d'uma arvore e finalmente envolvem-lhe as pernas todas. Fazem uma cobertura na arvore a que o captivo está preso, e quando a fadiga e a fome o enfraqueceram, vem buscal-o com um elephante domesticado, que o socega, tranquillisa e leva para a estrebearia.

Um elephante bem ensinado é considerado na Asia como tendo grande valor. Tem proximamente a força de cinco camellos.

No estado selvagem, o elephante das Indias vive duzentos annos, mas em captivo não vae além de 120.

Na guerra, emprega-se para transportar os doentes, as barracas e utensilios,

Os inglezes tentaram atrelal-o á sua artilheria.

Os proprietarios das grandes planicies cultivadas de certas partes da India conseguiram que puchassem a charrua. Nunca lavrador mais monstruoso tinha aberto a terra. O elephante faz por si só o trabalho de trinta bois.

Fabricavam-se em Inglaterra enormes charruas, que iam para as Indias pelo isthmo de Suez; habituaram o elephante a puchar a charrua. Todas as manhãs, com o seu *cornaca* vae para a lavoura. Dois homens seguram os braços da charrua e emquanto dura o dia, o elephante anda, e andando levanta, atraz de si, uma comprida e larga tira de terra, um rego que não tem menos de metro e meio de largura por um metro de profundidade. A lavoura nas Indias empregando o elephante não tem, porém, atingido grande desenvolvimento.

O elephante nas Indias é ornamento obrigado em todas as festas publicas. Figura no sequito dos principes, nas procissões e nos cortejos. É especialmente util na caça do tigre para levar os caçadores e sendo preciso para os defender quando a terrivel caça se volta contra elles.

Desde a mais remota antiguidade o elephante da Asia tem sido ensinado para serviço domestico e militar, e este uso tem continuado até hoje.

Nos combates que travavam entre si os povos d'Africa, carregavam-nos de torres occupadas por homens armados de flexas, fundas ou dardos.

Os primeiros exercitos que apresentaram elephantes levavam consigo a victoria.

Só a presença d'estes animaes, equipados em guerra, aterrava os batalhões. Os romanos ficaram muito assustados quando viram pela primeira vez nas suas campanhas contra Pyrrhus, estas machinas vivas. Apprenderam no entanto a combater os elephantes africanos. Com machados quebravam-lhe as collossas pernas; lançavam para o meio d'elles enormes traves, para lhe impedir a marcha.

Mais tarde os romanos conduziram elephantes ao combate, e Cesar fez d'elles emprego vantajoso na campanha das Gallias.

Os restos dos elephantes levados pelos romanos foram encontrados ao sul da França. Em Roma appareceram muitos elephantes no Colyseu, para combater os gladiadores e muitas vezes pucharam os carros que levavam os triumphadores ao Capitolio.

Cesar, para ornamentar a pompa do seu triumpho, fez conduzir a Roma os elephantes que tinha apprehendido na batalha de Thapsus. Viram-se então quarenta d'estes magnificos animaes, formados em duas filas e tendo cada um um facho na tromba.

A idéa d'este espectáculo que muito interessou os romanos, tinha sido imitada dos reis do Egypto e da Syria, que algumas vezes se faziam acompanhar por elephantes portadores de tochas.

Lê-se nos *Stratagemas de guerra* de Polyon, que Julio Cesar, durante a conquista da ilha da Bretanha, se serviu d'um elephante para atravessar mais rapidamente o Tamisa.

Eis os pormenores dados a este respeito por Polyon:

«Cesar quiz passar um grande rio de que Cassivellaunus, um dos reis barba-ros da Bretanha, guardava a margem

opposta com cavallaria numerosa, infantaria consideravel e muitos carros de guerra. O general romano, vendo a difficuldade de forçar o inimigo, fez avançar um grande elephante coberto de ferro e carregado com uma torre guarnecida de archeiros e fundibularios. Esta singular appareição aterrou os habitantes de Albion, que nunca tinham visto nada semelhante; os cavallos espantaram-se, fugiu tudo e Cesar ficou senhor da passagem.»

É preciso notar, a proposito do emprego dos elephantes nos exercitos, que a especie indiana é mais corajosa do que a africana.

Os romanos conheciam esta particularidade, porque nas batalhas em que não tinham senão elephantes d'Africa para oppôr aos elephantes indianos, tinham o cuidado de os collocar, não adeante do corpo do exercito, mas por detraz dos soldados.

O elephante da Africa tem a cabeça mais arredondada e menos larga na parte inferior do que o da Asia. A fronte não tem a dupla bossa lateral que se encontra n'este ultimo. As orelhas são maiores e mais approximadas no bordo interno, as prezas são mais fortes. Distinguem-se ainda por algumas particularidades relativas á fórma dos ossos e dos dentes molares.

Na Africa encontram-se elephantes desde o Cabo da Boa Esperança até ao alto Egypto e em Cabo Verde. Existem por consequencia em Moçambique, na Abyssinia, na Guiné e no Senegal.

Os elephantes africanos vivem como os da India, em bandos mais o menos numerosos. Também ha solitarios. Eram outr'ora muito mais communs do que hoje nos arredores do Cabo da Boa Esperança.

Thumberg conta que um caçador lhe affirmou ter morto, n'estas regiões, quatro ou cinco por dia, e isto regularmente. Accrescentava que o numero das victimas se elevára muitas vezes a doze, treze e até vinte e dois por dia. E' talvez exaggero de caçador.

Seja como fór, hoje pôde viajar-se no interior da Africa sem encontrar um só d'estes gigantes, d'antes tão vulgares.

O elephante da Africa differe muito do da Asia nas suas relações com o homem. Não se obtem do da Africa o que se consegue do das Indias. Caça-se para alimentação e principalmente por causa do marfim das pontas.

Na Africa caça-se o elephante com espingarda e flechas envenenadas. Em outro tempo attrahiam-no e faziam-no cair em profundos fossos, no fundo dos quaes se feria em páos aguçados.

Levallant publicou a respeito d'esta caçada interessantes pormenores.

Na antiga civilisação de Carthago fazia-se d'esta machina viva poderoso auxiliar. Substituíram os cavallos e os bois. Collocavam-os na vanguarda dos exercitos e a historia diz-nos o consideravel papel que desempenharam na guerra contra os romanos, quando Annibal os levou em seguida aos seus exercitos, na occasião em que invadiu a Italia e pôz em tão grande perigo o poder do povo-rei.

(Continúa.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO